

A ARTE DO DESIGN *

CÉSAR VALENÇA
MUSEU NOGUEIRA DA SILVA

«A cada época a sua arte, à arte a liberdade» (no frontão da casa da Secessão, em Viena, 1897).

«Não conhecemos a diferença entre grande arte e arte menores, entre arte para os ricos e para os pobres. A Arte é um bem público». (em «Ver Sacrum», revista da Secessão).

«Já não há artes maiores e menores; como forma visível uma cadeira não é diferente de uma escultura, e uma escultura deve ser tão funcional como uma cadeira...» (Tatlin, Construtivista Russo, cerca de 1920).

69

Há muito que a Galeria da Universidade pretendia organizar uma exposição de Design de Interior, quer pela sua vocação múltipla, quer por considerar como seus os princípios anunciados pela Secessão Vienense ou pelos Construtivistas Russos, modernos de quase um século. E a ocasião apresentou-se agora com boas condições de realização.

* O êxito da mostra de Design inaugurada pelo Arquitecto Siza Vieira organizada pelo Museu Nogueira da Silva na Galeria da Universidade entre 14 de Outubro a 8 de Novembro de 88 ficou demonstrado pelos 2.240 visitantes que tiveram ocasião de contactar um tipo de Arte pouco frequente nas Galerias e ainda pelo facto de ter-se esgotado o catálogo elaborado para a exposição. Tal pareceu-nos razão suficiente para a publicação daquele texto nas páginas da Fórum destinadas ao Museu Nogueira da Silva.

A redecação do gabinete do Reitor da Universidade do Minho, em que se optou pelo Design que dialoga com dignidade com o magnífico palácio barroco, fazendo a simbiose simbólica de uma cultura sedimentada em Braga por estratos milenários, com uma Universidade assumidamente nova e dinâmica, veio dar uma maior acuidade a esta exposição. A boa vontade do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, e a existência na região de uma jovem empresa que, não só se honra executando a obra de um dos mais notáveis arquitectos portugueses, mas também se dedica à importação de mobiliário de grande qualidade, tornaram viável a presente mostra.

A palavra «design» vem do vocabulário anglo-saxónico e tem o sentido duplo de 'desenho' e 'projecto'. Tomás Maldonado, director da Escola de Ulm, definiu o 'design' como a «actividade criadora que consiste em determinar as propriedades formais dos objectos que se produzem industrialmente». Por propriedades formais não se entendem somente as características exteriores mas, sobretudo, as soluções estruturais que fazem de um objecto, ou de um sistema, uma união coerente. Em 1890 o filósofo vienense Von Ehrenfels tinha publicado «As qualidade da forma» onde discorria, a partir das ideias de Hegel sobre a forma: era a primeira tentativa para uma «Gestalttheorie». Todas estas teorias do 'design' são, mais ou menos, por aí inspiradas.

70

Na arquitectura moderna distinguem-se várias tendências, consoante as diversas situações sócio-culturais: Le Corbusier encabeça o racionalismo metodológico-didático, o Construtivismo russo o racionalismo ideológico (depois perseguido por Estaline), o racionalismo formalista é gerado pelo movimento holandês do neo-plasticismo «De Stijl», enquanto o racionalismo empírico é representado pelos arquitectos escandinavos que têm o seu chefe de fila em Alvar Alto; sem esquecer o racionalismo orgânico que tem o seu principal expoente em Frank Lloyd Wright, nos E.U.A.

Além do racionalismo ser, portanto, uma das essências do design', Adolf Loos exigia-lhe simplicidade, reserva e discreção e, poderíamos ainda acrescentar, economia, funcionalidade e recusa do ornamento.

Embora disfrutemos displicentemente, no nosso quotidiano, das consequências da Revolução Industrial, a maioria das pessoas não se apercebe do significado que teve para o destino da humanidade essa mesma revolução ou seja, a transformação que se operou no Mundo por efeito da máquina e da mecanização de tantos produtos necessários ao Homem. Como refere Gillo Dorfles, «a arte de hoje, como a de ontem, submete-se às condições técnicas e sociais

do ambiente que a envolve, e só dessa forma se mantém viva e actual. A mecanização incide não apenas sobre o conjunto social e económico, mas também sobre a estética da vida humana».

Qualquer pessoa acharia absurdo ou, no mínimo, peculiar, viajar hoje em dia, ou ir para o emprego, num carro de cavalos, mas acha-se geralmente razoável viver com as cópias de móveis feitos para os seus avós dos sécs. XVII, XVIII e XIX, cujos espaços e tipo de vida eram absolutamente diferentes dos nossos dias; ou então, é-se vulgarmente indiferente a viver-se rodeado de mobiliário compósito e incaracterístico, que não pertence a nenhuma época ou lugar.

Embora a Secessão Vienense não esteja representada na presente exposição, há móveis do arquitecto escocês Charles Rennie Mackintosh que, em 1900, participara na oitava mostra da Secessão a convite de J. Hoffmann. Aliás a obra do arquitecto de Glasgow corresponde perfeitamente ao de desejo de Hoffmann: «...que as nossas casas, quartos, utensílios, vestuário e jóias testemunhem com elegância, simplicidade e beleza o espírito do nosso tempo». E esse o programa que esperamos propôr. Mackintosh, sem renegar as fontes culturais da sua Escócia natal, fascinou-se pelo Japão, como muitos outros europeus do final do séc. XIX, mas soube evitar o mero 'pastiche', tão frequente na época. Mackintosh deu um valor icónico à justamente **célebre cadeira semi-circular, presente na exposição**, sugerindo-nos os seus móveis, ainda hoje, uma imensa dignidade aliada a um surpreendente modernismo. É em grande parte a este arquitecto que se deve a depurada e, essa sim, jovem «Arte Nova Rectilínea» que depois irá gerar o «Art Deco».

Em Mies Van der Roche, arquitecto alemão nascido em 1886, ligado à escola Bauhaus de que foi director, há um gosto refinado, aliado à busca de uma nova expressão arquitectónica e de novas formas de pensar os objectos produzidos pela indústria. O refinamento na simplicidade, preconizado pela Bauhaus, não é, com certeza, estranho às relações com o movimento vienense da Secessão, embora com uma carga social diferente.

A influência de Bauhaus sobre o Design foi determinante mas, por ironia, foi com a tragédia do Nazismo que esta Escola começou a adquirir uma reputação mundial. Assim, foi em consequência da invasão das instalações da Bauhaus de Berlim pela polícia e pelas S.A., em Abril de 1933, e da subsequente fuga para os EUA de grande parte dos seus membros, que irá haver uma nova oportunidade para aqueles artistas e teóricos. Em 1937 criou-se o New Bauhaus em Chicago. Nos anos cinquenta um crítico americano escreveu que «em nenhum domínio da criação se poderá separar a Bauhaus da América». Tanto o pensamento como a obra de Mies

Van der Rohe estavam embuidos de optimismo: «A técnica deve tornar-nos confiantes. Devemos aprender com ela a trabalhar, usando os materiais do nosso tempo. (...) A Tecnologia enraiza-se no passado, domina o presente e faz alusão ao futuro».



72

Charles Mackintosh. Cadeira de espaldar curvo 1904. (Cortesia da Firma Carvalho Araújo)

Como a sua vida, também a obra de Mies se divide em duas partes: a primeira na Alemanha em que, entre outros factos salientes, dirigiu a Bauhaus durante três anos, e projectou o pavilhão alemão na Feira Internacional de Barcelona, em 1929 — onde apresentou pela primeira vez a cadeira do mesmo nome. A segunda parte da sua vida decorre nos EUA, tendo-se fixado em Chicago a partir de 1933. Em toda a sua obra, à semelhança de Piet Mondrian, está sempre presente o que alguém descreveu como o «Lirismo do ângulo recto».

Mies parte do pressuposto de que a tecnologia metamorfoseia as formas e de que o despojamento é riqueza, o que alude, de certa forma, ao mundo gótico inicial. O racionalismo classicizante de Mies liga-o a Le Corbusier (1887-1965), suíço de nascimento, mas desde muito jovem radicado em França, e possivelmente o mais

célebre e divulgado arquitecto do nosso tempo. Corbusier denunciava o ornamento como uma dissipação e, pelo contrário, considera a sua ausência como testemunho de pureza do pensamento. Em 1920 Corbusier retomará, na revista «L'Esprit Nouveau», um manifesto com o título «Ornamento e Crime» escrito em 1908 por Adolf Loos, arquitecto da Secessão. Corbusier, que apreciava as expressões fortes, algumas vezes mal interpretadas, ou utilizadas fora do contexto, adaptou a arquitectura aos postulados da era da máquina, preconizou a ausência de decoração e defendeu um elitismo tão espartano como os seus trabalhos mas, possivelmente, menos coerente com o seu pensamento político. Deixou no Design obras fascinantes que se tornaram os clássicos como a «Chaise Longue», presente nesta mostra. Em Corbusier «A utopia não é senão a realidade do amanhã».

Marcel Breuer pertence, com Mies Van der Rohe, ao Bauhaus. As suas investigações no mobiliário metálico são contemporâneas de Mies e é difícil determinar em que sentido se deu a influência. Breuer pretende que a ideia de estrutura tubular, tão usada na sua obra, veio da observação do guiador da sua bicicleta durante os seus passeios. Breuer entendia que as suas obras fossem produzidas em grande série, e por isso pensava a derpersonalização da cadeira, de tal forma que possa inscrever-se em qualquer ambiente. Thonet e Standard Mobil foram os primeiros a pensar numa produção em massa destes móveis metálicos em 1928. Este desejo de tornar a beleza acessível a todos, torna Breuer um dos mais típicos arquitectos da Bauhaus revestidos juntamente de grandes preocupações de justiça social e de um esteticismo com anseios morais.

Eileen Gray (1879-1976) foi um dos mais inventivos Designers a trabalhar em Paris entre as duas guerras. Tendo sido aluna da Slade School em Londres onde aprendeu a trabalhar com laca, vai usá-la de forma original, acentuando o aspecto depurado, sugerido por certa arte japonesa. Vem para Paris em 1902 onde continua os estudos de desenho, e mais tarde a guerra obriga-a a voltar a Londres. Em 1919 fixa-se definitivamente em Paris, abrindo uma galeria em 22 onde expõe e vende o seu mobiliário, tapetes e candeeiros. Gropius reconhece-lhe o talento e foi encorajada a expôr com Corbusier no salão de Outono de 1923. Os tecidos e o tubo metálico foram também usados por esta designer, além da laca, como se vê na mesa e sofá aqui expostos. O seu trabalho representa transição entre a obra exótica, luxuosa e individualista da «Art Deco» para o funcionalismo do Movimento Moderno.

Alvar Aalto nasceu na Finlândia. Talvez que as florestas do seu país o inspirassem para o uso em Design da madeira como matéria-

-prima. Concebe os móveis com um sistema de forças e vê na madeira prensada e curva, um coeficiente de elasticidade maior que no metal. Como aos outros designers, preocupa-o o conforto e, na sua «cadeira», as curvas do assento e costas, são moldadas conforme as curvas do corpo. Aalto considerou o problema da arquitectura inseparável dos móveis e objectos.

Coerentemente com o espírito do Design, propõe um acordo entre a arte e a indústria funda e dirige a fábrica Artek.

Alguns objectos presentes ilustram o 'design' nórdico que, já nos anos 50, se iam infiltrando no nosso dia-a-dia, a tal ponto que para muitos, 'Designer' teve consonância de «nórdico» e associava-se, assim como determinado cinema, aos brumosos países do Báltico.

«A unidade na pluralidade» seria o resumo do «De Stijl» ou Neo-Plasticismo, feito pelo arquitecto holandês Hendrick Berlage. Dirá Van Doesburg, o teórico de «De Stijl» — e este foi o mais coerente de todos os movimentos modernos: «A nova vida é mais forte do que a arte, não percam tempo. Creemos novas formas de vida que correspondam ao funcionamento da vida moderna». O arquitecto holandês Rietveld (1886-1964) foi o melhor representante desta ideia. A cadeira em forma de Z criada em 1934, é um móvel muito representativo, tal como a cadeira de madeira pintada de vermelho, azul e amarelo; de 1917, em que a pureza das cores primárias é uma «provocação» intencional. Ambas são mostradas na presente exposição. «De Stijl» aproximava-se do espírito de investigação do Construtivismo Russo mais do que da Bauhaus; contudo, dos arquitectos estrangeiros, é com Corbusier que existem mais afinidades.

74

Álvaro Siza Vieira é um dos maiores arquitectos portugueses de sempre, e um dos poucos nacionais com reputação mundial no séc. XX. Nasceu em Matosinhos em 1933, frequentou o liceu no Porto onde, em 1965, termina com a máxima classificação o curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes. Em 1958 ganha o concurso para a construção da Casa de Chá da Boa Nova, um dos mais belos exemplos da arquitectura portuguesa contemporânea, uma obra prima de integração paisagística, complementada por um mobiliário interior de igual qualidade. A obra de Siza é, usando a expressão de Manuel Dias da Fonseca, «o próprio sentimento da modernidade». Obteve o primeiro lugar no concurso internacional de Kreuylirg, em Berlim, orienta o restauro do bairro judeu de Veneza, e foi recentemente escolhido para projectar a recuperação do Chiado, na sequência do incêndio de Agosto de 1988. Tem obras realizadas em todo o Norte de Portugal, incluindo Braga, e

ainda em Évora. Em 1988 foi-lhe atribuído o Prémio Alvar Alto, o mais representativo galardão em arquitectura. Aluno de Fernando Távora, sofre a influência de Corbusier, de Alto e de Jandi. A sua arquitectura «foge constantemente à regra». Preocupa-se com o pormenor, criando dobradiças e puxadores que considera mais do que simples elementos decorativos ou funcionais. Deixo as últimas palavras, já que também as mais representativas, a um texto de Siza:

«O desenho de um móvel não pode ser senão definitivo. Não há referências fixas de escala, de ambiente, de necessidade. Existe o corpo que se transforma tão lentamente que pode usar uma cadeira egípcia.

«Despido os objectos, existe a história de meia dúzia de formas. A imaginação voa entre essas formas, a baixa altura, se descontamos aprendizes impacientes».

Bibliografia

- Vienne 1880-1938, L'Apocalypse Joyeuse, Ed. Centre Georges Pompidou 1986.
- Adolf Loos, B. Rukschio e R. Schachel, Ed. P. Morgado.
- A Century of Chair Design, F. Russell, P. James, John Read, Academy Editions.
- Charles Mackintosh, P. Alison, Ed. Elect. Moniteur.
- M. Van de Rohe, M. Blases, Ed. Elect. Moniteur.
- L'Art des années 20, Office du livre L'Art des années 30, Seuil.
- História da Arte, Gombrich, Zoha Editions.
- El diseno industrial y su estética, Gillo Dorfles, Editorial Labor, S.A.
- O Desenho Industrial, Biblioteca Salvat, Col. «Grandes Temas».
- Álvaro Siza, Esquissos de Viagem/Travel Sketches, Documentos de Arquitectura.

